

Antropologia da primeira infância – parte 5

O conhecimento dos processos evolutivos na primeira infância

Ernest Michael Kranich



O significado do aprender a falar e da linguagem

Aquilo que o homem adquire em sua primeira infância por meio da postura ereta acrescenta-se, no desenvolvimento humano, o significado do aprendizado da fala e da linguagem. Isto abrange muito mais do que se imagina. Existem crianças que tem capacidade auditiva acústica perfeita, mas são incapazes de captar uma configuração fonética de palavras. A estas crianças sensorialmente áudio-mudas falta o sentido da linguagem. A isto, geralmente está ligado um comportamento difícil em relação ao meio ambiente. Estas crianças manifestam, sem escrúpulos, o que lhes vem à mente. São desajeitadas, impertinentes e não se deixam guiar. Quando conseguimos por meio de uma terapia geralmente muito trabalhosa, despertar nelas o sentido da palavra ou da linguagem, seu comportamento desenfreado desaparece e elas se tornam abertas a seu meio ambiente. Pelo visto, a mera percepção da palavra já tem uma importância para sermos humanos.

O que ocorre na percepção da linguagem? Ao ouvirmos, por exemplo, uma palavra como Wasser (água), captamos uma configuração fonética. Podemos nos concentrar somente naquilo que se apresenta na configuração fonética, ou seja, dirigir toda a nossa atenção à configuração fonética, deixando de lado seu significado. Na palavra Wasser, vivenciamos no fonema inicial “W” algo que vem de dentro para fora, que em seu movimento, ao

contrário do “F”, é um pouco refreado e chega a ter uma leve vibração no movimento que se dirige para fora. Na vogal seguinte, vivenciamos uma grande abertura e depois nos “ss” uma atuação forte e clara que passa e permeia intensivamente um obstáculo. No fonema “e” segue-se um certo gesto retido. Finalmente soa a configuração fonética “R”, numa forte dinâmica interior de um movimento rotativo. “Wasser” é um acontecimento gestual de fonemas. Percebemos que a configuração fonética “Wasser” tem um relacionamento com aquilo que é a água corrente. Na palavra água, percorrendo o mesmo caminho, temos o “a” inicial que suscita um gesto aberto de dentro para fora. No fonema “g”, vivenciamos algo retido, estancado em seu fluxo. No “u” temos algo como um estreitamento prolongado no caminho que se abre novamente no último “a”. A nuvem se abre, a água cai, “a”. Na terra, sua queda é retida, “g”, mas logo ela penetra na terra como por um túnel, “u”, para voltar à luz do dia na fonte, “a”.

Quando penetramos auditivamente uma palavra, na forma indicada acima, acompanhamos interiormente sua configuração fonética gestual. Por intermédio das pesquisas feitas pelo americano W. Condon, sabemos que fazemos isto inconscientemente sempre que ouvimos palavras. Condon filmou, com uma filmadora de rotação muito rápida, pessoas falando e ouvindo, analisando depois, criteriosamente, as imagens. Ele descobriu que a pessoa, ao ouvir as palavras executa movimentos muito sutis – movimentos da cabeça, dos ombros, dos braços, mãos, dedos e mesmo movimentos dos pés. Estes movimentos, porém, são tão sutis que não os percebemos normalmente. Ao ouvir o “é”, fonema inicial da palavra “ask” (perguntar) na pronúncia americana, a cabeça é movida levemente para a esquerda, os olhos ficam parados, a boca é um pouco fechada e os lábios vão um pouco para a frente, os quatro dedos das duas mãos se curvam um pouco e o ombro direito é levemente virado para dentro. O resto do corpo permanece parado. Em seu conjunto, temos aí um gesto peculiar que é executado sempre que ouvimos o “é” e que tem um relacionamento interior com o fonema.

Torna-se evidente que só percebemos uma palavra quando executamos, sutilmente, seus gestos fonéticos em sincronia com o ouvir. Ao ouvir a fala, a pessoa participa, com sua própria organização motora, daquilo que a outra pessoa fala. O ser humano se abre ao outro até às profundezas de sua organização. A criança “áudio-muda” é, ao contrário, um ser fechado em si mesmo, falta ao seu interior o relacionamento com o interior do outro, que se manifesta pela palavra.

Esta assimilação da linguagem da outra pessoa tem seu início muito antes de a criança pronunciar sua primeira palavra. Pelas pesquisas de Condon, sabe-se também que, já no primeiro dia de vida, o recém-nascido acompanha a linguagem do seu meio ambiente com movimentos sutis do corpo. Quando então a criança começa a falar geralmente lá pelo segundo ano de vida, ela ainda é bastante desajeitada. Para pronunciar corretamente o gesto fonético de uma palavra simples, ela tem de desenvolver uma capacidade de coordenação imensamente complicada. Ela terá que expirar de uma forma bem mais complicada do que até então. (Através dos músculos intervertebrais e de uma parte da musculatura dorsal). Órgãos com os quais ela assimilava a alimentação até então, (maxilar, língua, lábios e bochecha), terão de se mover conforme outras leis. Também a laringe tem de ser dominada nas suas diferenciações. Mas, acima de tudo, o maxilar tem de coordenar seus movimentos para uma tarefa mais elevada, da qual participa mais de um músculo. Como na aquisição da

verticalidade, também aqui ocorre uma transformação da organização. É novamente a criança que, por meio de seu próprio esforço estrutura a organização da fala. Na sua luta para conseguir a articulação correta é que ela estrutura a organização à partir das leis que formam sua língua materna.

O desenvolvimento no âmbito corpóreo está ligado ao desenvolvimento da alma infantil. No aprender a falar, a criança se liga intimamente à configuração fonética das palavras. Isto provoca uma sensação diferenciada perante a língua. Em muitos casos pode-se perceber que as crianças pequenas vivenciam os gestos fonéticos muito mais intimamente do que os adultos. Nas palavras da língua e na melodia das frases é que se forma e se diferencia o sentir da criança. A língua captada pela criança em seu meio ambiente tem, portanto, uma grande influência sobre sua vida de sentimentos. A criança é estimulada para o desenvolvimento de sua alma por uma linguagem rica e sonoramente bela. Seu sentir será pouco diferenciado por uma linguagem pobre e grosseira.

Através do sentir que se estruturou a partir da língua, o ser humano poderá captar posteriormente aquilo que vivencia no encontro com outras pessoas. Poderá vivenciar e compreender interiormente aquilo que não está explícito nos conceitos do que está sendo exposto. Através da maneira como a criança aprende a falar, ela poderá, ou não, tornar-se uma pessoa aberta para outras pessoas. Sabe-se por meio de investigações psicológicas que através de conversas, de contar e ler histórias em família, a criança não chega apenas a adquirir uma linguagem diferenciada, mas também, capacidades sociais positivas.

O aprender a falar não faz do homem apenas um ser comunicativo no âmbito cognitivo, mas é também de grande importância para as dimensões sociais no relacionamento humano. Nos tempos atuais, onde existe uma supervalorização do visual, o cultivo da linguagem se tornou uma nova tarefa pedagógica. Pois esta supervalorização de nossa civilização tecnológica, do visual em relação a fala, traz uma ameaça ao desenvolvimento humano e, acima de tudo, ao âmbito das capacidades sociais.

Tradução de Christa Glass. Revisão de Ruth Salles